

Ameaça de garimpeiro leva ao fracasso campanha da malária

EXPEDITO PERÓNICO
Correspondente

Boa Vista — Anunciada no último dia 1º pelo presidente José Sarney como a primeira ação efetiva do Governo no ordenamento da questão mineral em Roraima, a campanha de combate e controle da malária nos garimpos fracassou. A falta de apoio logístico e as ameaças de morte feitas aos agentes sanitários por garimpeiros que os acusavam de serem policiais federais disfarçados, obrigou os guardas da Sucam a fugirem para Boa Vista onde 20 deles chegaram quinta-feira de carona em pequenos aviões que servem justamente aos exploradores de ouro da região.

"Dou graças a Deus por ainda estar vivo. Se permanecesse lá ou morreria de fome ou seria assassinado por um garimpeiro", desabafou o agente de Saúde Pública Tiago Lopes da Silva, com 20 anos de serviços prestados à Sucam: "Essa foi minha primeira operação frustrada. Eu não sei descrever minha revolta".

Segundo os sanitários, o clima na região de Uaicás, para onde foram levados no dia 5 deste mês, é de tensão permanente pois um emissário dos garimpeiros — que depois de dar recado do plano de massacre dos guardas foi enforcado e teve o corpo atirado no rio — os avisou que eles só tinham três dias — a contar de quinta-feira, para deixarem a região.

Dos 71 guardas, 50 ainda permanecem em Uaicás à espera de transporte que os conduza a Boa Vista.

O fracasso da operação anti malária revela mais uma vez o despreparo da Sucam e do Governo Federal com a questão garimpeira.

CADASTRAMENTO

Com a promessa de erradicar a doença em Roraima, o estado que apresentou o mais alto índice de casos positivos de malária em todo o País nos últimos seis meses, a campanha previa o uso de quatro helicópteros, dois aviões e todo o equipamento necessário para o deslocamento na selva que seriam comprados com os 198 milhões de dólares obtidos por empréstimo do Banco Mundial pelo Governo brasileiro.

A primeira etapa da campanha previa a execução de um completo cadastramento de garimpeiros e índios para se ter um número exato da população que habita as regiões minerais de Roraima, colheita de lâminas, diagnóstico de malária, nebulização e medicação. O apoio anunciado pelo Governo Federal, contudo, não veio e apenas três equipes conseguiram chegar ao garimpo do Mucuin utilizando um helicóptero sedido pelo governo de Roraima. Mesmo assim os garimpeiros se negaram a receber a medicação exigindo que fosse feita apenas a lâmina para saberem se estavam contaminados.

Durante os 17 dias em que permaneceram na selva — a operação duraria 60 dias numa primeira etapa —, os guardas sanitários enfrentaram graves problemas e tiveram que se submeter às peculiaridades do garimpo, onde o ouro é a moeda corrente. Como não foi montado acampamento, o guarda se alimentava pagando o equivalente a 2 gramas de ouro (NCz\$ 106,00)

quando só podia gastar NCz\$ 80,00 da diária recebida antes do embarque.

ORIENTAÇÃO

Todos eles integrantes do Comando de Operações Especiais (COE), sediado em Brasília, os agentes denunciaram também que antes de serem levados para a floresta receberam apenas uma pequena orientação teórica, ministrada por oficiais do 2º Batalhão Especial de Fronteiras. Nenhum deles até hoje participou de qualquer ação desse tipo, não conduziam equipamentos de primeiros socorros e jamais participaram de qualquer curso de sobrevivência na selva, prática normalmente exigida para quem vai desenvolver qualquer atividade na Amazônia.

Os guardas chegaram a Boa Vista e pediram abrigo numa das casas da Sucam, mas foram desalojados e colocados no Estádio 15 de Setembro. Depois, foram trazidos de volta e aguardam uma decisão da Superintendência Geral de levá-los para Brasília.

Guarda diz não voltar mais

"Nós não voltaremos mais ao garimpo", disse um dos coordenadores de turma, Ednilton Aires. Ao denunciar o fracasso da operação e a falta de auxílio, ele foi pressionado pela direção da Sucam em Roraima e desmentir o que dissera, sob pena de ter cortado a alimentação fornecida pela Polícia Militar.

Ednilton até voltou à sede da TV Roraima, mas o departamento de jornalismo se negou a tirar a matéria da programação e ela foi ao ar. Segundo seus companheiros, agora ele está sendo ameaçado de punição.

ESTACA ZERO

Segundo Ednilton o descaso da Sucam com as turmas enviadas aos garimpos foi total. "Nenhuma meta programada foi cumprida deixando tudo na estaca zero", diz ele. "O que se viu lá foi um abandono total. Companheiros nossos só não passou fome porque foi trabalhar para garimpeiros no descarregamento de aviões".

"Eu acho que se tivesse ficado lá a essa hora estaria morto",

confessa Daelson Ney que, segundo ele próprio, estava marcado para morrer por estar sendo confundido com um policial federal. "Minha preocupação agora é com os que ficaram lá. É preciso que alguém faça alguma coisa antes que aconteça uma desgraça".

O diretor da Sucam em Roraima, Ramiro Teixeira, limitou-se a dizer que o órgão cumpriu com suas obrigações: liberou as diárias, deixou o pessoal nas áreas endêmicas e deu o apoio programado. Apoio, que segundo os guardas sanitários nunca chegou. "Nós fizemos o que tinha que ser feito", resumiu Ramiro dizendo que a Sucam não tem obrigação nenhuma em alojar os homens na cidade.

O fracasso da "Operação Malária" ameaça as áreas de garimpos onde 17.500 pessoas estão contaminadas, onde só no primeiro semestre deste ano foram registrados 9.684 casos de malária, um aumento de 2.526% em relação a outros estados da região Norte.